

GÍRIAS – DRIBLANDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Antonia Alves Julião Pedreira⁸

PG/UEMS

Resumo: O presente artigo tem como objetivo explicar o surgimento das gírias, bem como a maneira que essa linguagem usual começou a fazer parte do cotidiano das pessoas, pois, por representar um vocábulo presente nas mais diversas situações comunicativas, envolvendo pessoas de variadas faixas-etárias, a gíria, hoje, representa um uso que não pode estar de fora dos estudos envolvendo a linguagem.

Palavras-Chaves: Gíria, Preconceito, Circulação, Discurso

Introdução

O presente artigo tem como objetivo explicar o surgimento das gírias, bem como a maneira que essa linguagem usual começou a fazer parte do cotidiano das pessoas, pois, por representar um vocábulo presente nas mais diversas situações comunicativas, envolvendo pessoas de variadas faixas-etárias, a gíria, hoje, representa um uso que não pode estar de fora dos estudos envolvendo a linguagem.

Acredita-se que a gíria é uma forma de comunicação que contém termos que se fixam no meio popular espontaneamente. Esse artigo procura esclarecer também o preconceito linguístico existente sobre as gírias na sociedade brasileira.

Partindo dessa ideia percebe-se que o preconceito linguístico é oriundo da falta de conhecimento a respeito dos fenômenos da língua em uso que contém multiplicidade e riqueza. Portanto, o preconceito linguístico é gerado pela falta de reflexão sobre a língua.

⁸ Orientanda do Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras UEMS, Campo Grande-MS.

Bagno (2007) em seu livro *Preconceito Linguístico* apresenta vários mitos a respeito da origem desse fenômeno, segundo Bagno (2007, p.13) “o preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (nega-ativa) que o brasileiro tem de si mesmo sobre a língua falada por aqui”. Essas afirmações do autor revalidam o sentimento de preconceito contra a própria língua e, muitas vezes, contra si mesmo.

Percebe-se que o preconceito linguístico é um dos tipos de preconceito mais utilizado nos dias atuais e também pode ser um motivador da exclusão social. Não podemos esquecer que a língua é mutável e vai se adaptando ao longo do tempo de acordo com as transformações dos falantes.

É preciso fazer uma crítica atenta dos termos que vêm sendo empregados para classificar a variação linguística do português brasileiro, com uma atenção especial à expressão “norma culta”, que é extremamente ambígua e problemática. Além do fato de se confundir o uso real da língua por parte dos falantes privilegiados da sociedade urbana (a norma culta dos linguistas) com o modelo idealizado de língua “certa” cristalizado nas gramáticas normativas (a norma padrão dos linguistas), como se faz geralmente, existe também o problema contido no uso do adjetivo “culto”. Por que chamar de culto apenas o que vem das camadas privilegiadas da população? E por que opor “culto” a “popular”, como se o povo não tivesse cultura e como se os falantes “cultos” não fizessem parte do povo? (Bagno, 2007, p. 104).

De acordo com esse pensamento do autor fica evidente que as regras da língua, determinada pela gramática normativa, não incluem expressões populares e variações linguísticas como, por exemplo, as gírias, regionalismo, dialetos e outros, implicando que tais variantes sejam desconsideradas e excluídas.

Essa desconsideração origina dois conceitos distintos: preconceito linguístico e prestígio. Ambos representam a exclusão social acerca da utilização da língua.

Objetivos

- Abordar algumas considerações acerca do preconceito linguístico sobre as gírias.

- Explicar alguns modos pelos quais as gírias se formam e são introduzidas no cotidiano social.

Considerações acerca da língua e do preconceito linguístico

A linguística opõe-se a gramática normativa, nasceu na Renascença no contexto da formação dos Estados soberanos na Europa que precisavam normatizar o idioma em seu território como forma de facilitar a administração. Essa linha é muito influenciada por uma tradição grega e latina datada de antes de Cristo e que pregava que a gramática deveria ser baseada nos textos literários clássicos.

Dessa forma, a linguística moderna ganhou força depois do trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, considerado pai do Estruturalismo e da própria linguística moderna.

Para Saussure (2002), a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o linguista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder.

Saussure (2002) cita também outros aspectos para assegurar a imutabilidade da língua: a infinidade de signos necessários para constituir uma língua, o caráter complexo do sistema e a resistência apresentada pela própria coletividade a toda novidade ou alteração.

Para o autor a língua pode ser o mais importante instrumento de interação interpessoal de que qualquer comunidade pode dispor, é natural que não seja de interesse dos falantes fazer alterações nesse instrumento, pois isso poderia comprometer todas as suas relações.

Ainda que todos os falantes se utilizem desse sistema extremamente complexo, conhecendo seus aspectos funcionais, isto é, dominando sua utilização para a interação com seus semelhantes, naturalmente não têm consciência de sua complexidade, pois não necessitam refletir sobre sua forma de operação e funcionamento para que dele possam fazer uso. Esse, aliás, é o próprio motivo de sua enorme praticidade. Saussure (2002,p.113), entende que, no desenvolvimento de uma língua, ela poderá sofrer alterações se exposta a duas forças a massa de falantes e o tempo.

Portanto, no que diz respeito ao tempo Saussure se refere a muitas gerações, com massa de falantes e certamente não afirma somente aos falantes da língua num dado momento, mas, praticamente, a todos os falantes que se serviram daquele idioma no período em que passou por essa ou aquela mudança. Isso se diz visto que Saussure se referia, exatamente, à ação dessa massa de falantes no tempo, o que não poderia se tratar de um pequeno período de tempo.

Pensando dessa maneira, uma massa de falantes seria a existência de várias gerações, as antigas e as recente. Como Saussure (2002,p. 14) não define períodos de tempo, falando apenas em “gerações”, é possível compreender que as alterações na língua necessitam de séculos para se realizar.

Porém, para Saussure não existirá mudança nenhuma ou alteração se essas não permanecerem na língua. Assim, gírias ou expressões que surgindo no uso desapareçam rapidamente não poderiam ser consideradas, consoante à teoria saussuriana, como sendo alterações na língua.

É perceptível, dessa maneira, que todo esse sistema dependente da associação arbitrária afasta qualquer possibilidade da língua ser simplesmente um conjunto de nomes, visto ser o processo de associação bastante mais complexo do que a pura e simples nomeação.

Um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui um vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo. Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição lingüística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças (SAUSSURE, 2002, p. 139-140).

Partindo dessa ideia fica claro que é impossível para um falante de qualquer idioma fazer referência a uma imagem acústica ou a um conceito a menos que faça isso através de uma abstração, logo, reflexivamente, pois, cada vez que se pronuncia qualquer signo lingüístico que seja, se o pronuncia em sua integralidade, o significante associado ao significado. Radicalmente, poder-se-ia dizer que só se pronuncia o significante.

Sendo assim, de acordo com o pensamento e ideias de Saussure (2002) fica evidente de que a gramática tradicional é normativa, ou seja: dita o que é certo e o que é errado privilegiando a escrita literária, sem dar autonomia à manifestação oral ou até mesmo escrita que não seja Literatura.

Já a linguística moderna é descritiva, não julga o que é certo e o que é errado, apenas descreve o funcionamento; não privilegia manifestações da língua explícita ou implicitamente, acredita que a língua se expressa em sua diversidade e todos os modos são fontes válidas (seja um telefonema ou bilhetinho até documento jurídico).

Os gramáticos tradicionais dizem que a língua possui uma forma ideal, perfeita, que é capturada na gramática e deve ser disseminada para todos os falantes do idioma, que devem usá-la em todas as circunstâncias.

Porém, a linguística valoriza o contexto para dizer o que é adequado. Ela não se opõe ao uso de uma gramática normativa, pelo contrário, apenas limita seu raio de ação: a linguística faz uma mediação à comunicação entre falantes de variações distintas.

Compreende-se então que a gramática é um conjunto parcial das regras de uma língua, situado no tempo e espaço. Essas regras mudam constantemente, porque a língua é viva, utilizada por seres sociais e conseqüentemente, passíveis de influências externas.

Sendo assim, é notável que as diferenças de status social em nosso país, explicam a existência do verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades “não-padrão” do português brasileiro que compõe a maior parte da população e os falantes, e da variedade culta que é a língua ensinada na escola.

No entanto, devemos lembrar que a língua é mutável e vai se adaptando ao longo do tempo de acordo com ações de quem fala. Além disso, as regras da língua, determinadas pela gramática normativa, não inclui expressões populares e variações linguísticas, por exemplo, as gírias, regionalismos, dialetos, dentre outros, essa exclusão com certeza está ligada ao preconceito linguístico.

O Preconceito Linguístico é aquele gerado pelas diferenças linguísticas existentes dentro de um mesmo idioma. E, está associado às diferenças regionais desde dialetos, regionalismo, gírias e sotaques, os quais são desenvolvidos ao longo do tempo e que envolvem os aspectos históricos, sociais e culturais de determinado grupo.

O preconceito linguístico é um dos tipos de preconceito mais empregados na atualidade e pode ser um importante propulsor da exclusão social.

Sendo assim, é possível afirmar que o preconceito surge da interação humana. Essa afirmação também é válida para o preconceito linguístico. Na interação, o indivíduo avalia a desempenho do outro de acordo com os critérios estabelecidos pelas diferentes instâncias sociais e relações de poder.

Bagno (2007) afirma que a existência de uma norma padrão implica, necessariamente, que outras variantes sejam desconsideradas e desprezadas, isto é, excluídas. Tal dinâmica dá origem a dois conceitos distintos: preconceito linguístico e prestígio. Ambos representam a sinalização de um julgamento social e não linguístico acerca da utilização da língua.

Partindo desse pensamento percebe-se que, o prestígio ou os preconceitos sociais são estabelecidos socialmente.

É preciso fazer uma crítica atenta dos termos que vêm sendo empregados para classificar a variação linguística do português brasileiro, com uma atenção especial à expressão “norma culta”, que é extremamente ambígua e problemática. Além do fato de se confundir o uso real da língua por parte dos falantes privilegiados da sociedade urbana (a norma culta dos linguistas) com o modelo idealizado de língua “certa” cristalizado nas gramáticas normativas (a norma padrão dos linguistas), como se faz geralmente, existe também o problema contido no uso do adjetivo “culto”. Por que chamar de culto apenas o que vem das camadas privilegiadas da população? E por que opor “culto” a “popular”, como se o povo não tivesse cultura e como se os falantes “cultos” não fizessem parte do povo? (Bagno, 2007, p. 104).

Sendo assim, é importante salientar que a norma padrão não é falada por todos, pois ela é a “ideal”, é o uso idealizado, ou, como classifica Bagno (2007), ideologizado. Ao mesmo tempo em que é extremamente necessário distinguir a norma culta da norma padrão, já que a primeira é a variedade de apenas um segmento da sociedade, os falantes privilegiados, que não representam a totalidade dos falantes do português do Brasil.

É necessário dizer que em toda língua existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os espaços, e nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico. A ortografia oficial é necessária, mas não se pode ensiná-la tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias, dialetos, regionalismo, gírias e sotaques.

O domínio da norma culta não é um instrumento de ascensão social, isso é um mito pelo fato de que esse fato toca em sérias questões sociais. A transformação da sociedade como um todo está em jogo, pois vivemos numa estrutura social cuja existência exige desigualdades sociais profundas e mudanças reais. Toda tentativa de promover a “ascensão” social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. (Bagno, 2007, p. 106)

Pensando dessa maneira é importante que ocorra então uma conscientização de que todo indivíduo nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, ele sabe e se comunica a partir dessa língua. É preciso respeitar a língua falada que muitas vezes não é idêntica à língua escrita, e que o grande problema se encontra nas injustiças, exclusões e desigualdades.

Fica evidente que língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos e é a partir dela que enxergamos o mundo e o definimos.

Sendo assim, deve-se ensinar que na língua realmente existe uma variedade mais culta e que se deve aprendê-la com o intuito de utilizá-la em determinadas situações sociais de comunicação a fim de adequar seus discursos a diferentes ambientes, mas que não se deve deixar de lado o conhecimento de mundo e toda a riqueza de saberes que cada um traz internalizado, ampliando assim seu conhecimento e aprendizagem, afinal todos os tipos de variações têm seu valor na escola e na vida do indivíduo.

O surgimento das gírias

Há muito tempo a sociedade brasileira é composta por gírias. Mas, o que significam as gírias e como surgiram? No Dicionário Aurélio (2011), gíria é uma linguagem que um grupo de pessoas, de uma região ou até mesmo de um local pequeno, utilizam para se comunicar mais facilmente e tornar esse grupo, essas pessoas, diferentes das outras.

Gíria de grupo – É restrita às pessoas do grupo, pois só elas são capazes de decifrar o que está sendo dito; código entre seus membros; meio de identificação própria, peculiar; expressão de sentimentos de restrição relativos à sociedade; representa uma escolha social.

Gíria comum – É aquela que tomou proporções maiores e atingiu a população; ocasiona vínculo com os demais, a fim de se formar uma identidade nacional; rompe com a formalidade; expressão de sentimentos de frustração, felicidade, concordância e discordância.

Nos tempos atuais as gírias povoam a linguagem dos jovens, essas palavras acabam ganhando um jeito “novo” de serem faladas e reconhecidas. Existem várias maneiras de como as gírias são inseridas na sociedade. As gírias estão organizadas por classificações, vejamos algumas delas:

- **bordões, jargões, clichês** – palavras ou expressões da cultura popular: “alma sebosa”, “bronca do tamanho de um trem”, “chumbo grosso”, “durma com uma bronca dessa”, “ninguém tem letreiro na testa”, “ir pras cabeças”, “sacada genial”, “fazer das tripas coração”, “encerrar com chave de ouro”, “silêncio mortal”.
- **metaplasmos** - alterações intencionais do código, fruto de criatividade do falante sobre a língua: cinema > cine; muito > mui; senhor > sô; carvão > cravão; golpe > gorpe; talho > taio; insônia > isônia.
- **neologismos** - palavras ou expressões de criação recente: gato, no sentido de “ligação clandestina de eletricidade”, e laranja, designando “falso proprietário”. O neologismo pode ser criado na própria língua – neologismos de cunho literário ou popular, como o verbo embuchar, que significa engravidar – ou importado de uma língua estrangeira -- como lasanha, do italiano lasagna, chope, do alemão chopp, bife, do inglês beef. Há, ainda, neologismos que não têm forma equivalente em português, como fashion, palavra em moda.
- **ditados, ditos e expressões populares, frases feitas, gírias** - palavras e frases que na sua grande maioria têm a função comparativa com diversos assuntos, como animais, modo de agir, modo de

pensar: osso duro de roer = coisa difícil de resolver; dar nó em pingo d'água = ser capaz de se sair de todas as dificuldades; pintar o 7 = fazer bagunça; cada macaco no seu galho = cada pessoa no seu devido lugar; quem se mistura com porcos, farelo come = quem acompanha pessoa de índole ruim acaba se tornando igual a ela; lábia (astúcia); antenado (atento), azaração (namoro), mala (chato), mauricinho (rapaz bem vestido), pagar mico (passar vexame), patricinha (menina bem vestida).

- **modismos** - expressões inexistentes no português, ou mesmo existentes, mas usadas em sentido diferente ao original. São exemplos: abrir as comportas, administrar a vantagem, a nível de, chocante, conquistar o espaço, correr atrás do prejuízo, deitar e rolar, em grande estilo, em termos de, em última análise, entrar em rota de colisão, extrapolar, imperdível, junto a, pano de fundo, praticar preços ou juros, receber sinal verde, sentir firmeza e trocar farpas.

Atualmente palavras de origem inglesa provocam influência norte-americana sobre a cultura brasileira. O contato com esse idioma por meio do vestuário, alimentação e da aquisição das marcas importadas, vem criando um vocabulário cada vez maior de palavras adaptadas.

A mídia é outro fator que contribui para a difusão de novos termos (nas novelas, na propaganda, nos jornais, etc.), introduzindo essas novas palavras na linguagem cotidiana, sob a justificativa de que os estrangeirismos causam maior repercussão e atraem mais a atenção do espectador e do consumidor.

É importante ressaltar que as gírias devem ser usadas no contexto oral e informal, mas que devem ser excluídas da linguagem escrita e formal, por exemplo, numa dissertação, por não fazerem parte na norma culta da língua.

Percebe-se que as gírias são geralmente fenômenos temporários e que podem ser excluídos da linguagem popular com o tempo, sendo substituídas por outras.

Dessa forma, conclui-se que a língua é rica por apresentar essas variedades linguísticas, por dar aos falantes o poder de criação e de liberdade.

Portanto, não é necessário ficar preso às regras. O importante, no processo da comunicação é a clareza naquilo que se diz: comunicar, surpreender, iluminar, divertir. E, nesse sentido, a gíria está em alta.

As gírias através dos tempos

ANOS 20

Como os homens se referiam às mulheres de forma carinhosa, galanteadora e positiva: pequena, adorável, bijouzinho, miss, melindrosa, prendada, creaturinha (forma original de escrita), perfilada (ex. Minha querida perfilada mora na rua de baixo), senhorita, deliciosa, galante, maneirosa, formosa, tetéia (moça bonita).

Como as mulheres (moças e na maioria solteiras) referiam-se aos homens de forma carinhosa e positiva: elegante, perfilado, simpático, galante.

Formas pejorativas dos homens se dirigirem às mulheres: gigolete (mulher da vida), estribo de bonde (moça fácil, que dá bola para todo mundo), flerteira (que flerta muito), fitadeira (moça que olha para os moços quando eles passam), cabecinha de borboleta (moça avoadada), cabecinha oca.

Formas pejorativas das mulheres se dirigirem aos homens: fiteiro (moço paquerador), almofadinha (moço arrumadinho e certinho demais, bobo), capitalista (homem ganancioso), flertador (que flerta com todas).

Expressões: caderneta de cheques, ares galantes, sem saber patavina (sem saber nada), casaca bem toalhada (bem forrada, boa roupa), um bom partido para o casamento, brigar por causa de um tostão, engraçadinha mas namoradeira, uma certa senhorita, cuidado com a cútis, riso encantador, trajando-se com muito gosto, oxalá assim o seja (tomara que assim seja), apaixonado por certa senhorita, ser muito fiteira (depreciativo), andar na linha, mandar ela passear na beira de um telhado (mandar a mulher plantar batatas), os doutores sempre adoçam as pílulas para ocultar seu amargor, mas quando se encoleriza, acesso de pugna (raiva), arre!, homessa! (equivalente a puxa vida!), ficar falada, encrenca, bagunça, pra xuxu, um bruta barulho, mixa, no duro, bacana, um sujeito batuta, louco varrido, ter linha, um baita carro, grã-fino.

ANOS 30 e 40

Balangandãs (festas).

Brotinho (moça bonita).

Do barulho (Perigoso).

Dor de cotovelo (ciume).

Flerte (olhar malicioso).

Fuzarca (Chacrinha).

O.K. (tudo em ordem).

Ou vai ou racha. Bacana.

ANOS 50

Bacana (bonito)

Bagunçar o coreto (acabar com a festa na base da confusão)

Barbeiro (mau motorista)

Boazuda (mulher de formas generosas)

Borogodó (charme)

Broto (mocinha bonita)

Cara-de-pau (cínico)

Chá de cadeira (quando a moça ficava o baile inteiro sentada, sem que nenhum rapaz a tivesse tirado para dançar).

Charlar (exibir-se)

Da fuzarca (aquele que gosta de farra)

Dar no pé (fugir)

Dar o esparramo (dispersar)

De lascar o cano (muito ruim, terrível)

Estróina (gastador)

Fogo na roupa (complicado)

Galinha (moça sexualmente permissiva)

Legal (certo)

Levar um fora (ser dispensado pela moça)

Mandraque (afeminado)

Mão-boba (carícias ousadas que os rapazes arriscavam fazer nas moças).

Marcar touca (deixar passar uma oportunidade)

Mocotó (belas coxas de mulher)

Na boca de espera (prestes a conseguir)

Pisante (pé ou sapato)

Roxinh (mulher negra bonita)

Sacana (indivíduo sem escrúpulos)

Sopa no mel (fácil)

Tipão (homem atraente)

Tirar uma chinfra (exibir-se)

ANOS 60

Boa-pinta (um cara bonito ou simpático).

Cafona (Fora da moda)

Cara (indivíduo).

Carango (carro).

Chapa (amigo).

Dar tábua (recusar-se a dançar).

Gamar (ficar apaixonado).

Gata (mulher bonita)

Grana (dinheiro)

Mancar (desrespeitar o compromisso).

Paca (muito).

Pão (homem bonito).

Pé de chinelo (pessoa pobre)

Pra frente (moderno).

Quadrado (conservador).

Uma brasa, mora! (homem modelo)

ANOS 70

Aprontar (fazer algo errado).

Barra (situação difícil).

Bicho (amigo).

Careta (sujeito quadrado).

Curtir (aproveitar).

Dançou! (termino de um relacionamento)

Dar no pé (fugir)

Dar o cano (desrespeitar compromisso).

Desligado (distráido).

Entrar pelo cano (se dar mal)

Estar por fora (desinformado)

Fazer a cabeça (iludir)

Goiaba (bobo).

Joia (tudo bem).

Maneiro (uma coisa boa)

Numa boa (tudo bem)

Paquera (namoro)

Pô! (surpreso).

Podes crer (acredite)

Ponta firme (sujeito bacana).

Sacou? (entendeu?).

Tou contigo e não abro (conta comigo)

ANOS 80

Bode (mau humor).

Brega (fora de moda)

Colocar (explicar).

Deprê (depressão)

Massa! (legal).

Mina (garota).

Pega leve (vai com calma)

ANOS 90

Antenado (conhecedor).

Balada (diversão).

Brother (amigo).

Xavecar (paquerar).

De lei (é assim).

Descolar (arranjar).

É ruim, hein? (Não concordo)

Estiloso (pessoa bem arrumada).

Ficar (namoro rápido e sem compromisso).

Fofa (bonita)

Gato (homem bonito).

Grunge (estilo despojado).

Pagando um mico (vexame)

Pagando um sapo (namorando homem feio)

Patricinha (mulher bem vestida)

Perua (mulher com roupas chamativas)

Pintar (aparecer).

Zoar (fazer bagunça).

2000

Abalar (causar boa impressão).

Alemão (Pessoa de caráter duvidoso).

Beca (roupa).

Bolado (surpreso).

Bombando (lugar animado).

Bonde (fileira).

Buzum, Buzão (ônibus).

Caozeiro (quem mente demais).

Chapa quente (clima agitado).

Cumpadi (amigo).

Passar o rodo (beijar várias mulheres).

Pisante (tênis).

Popozuda (mulher com a bunda grande).

Resposta (confiável).

Ta dominado (sob controle).

Ta ligado? (entendeu?).

Vala (a própria morte).

X9 (informante).

2018

Contatinho (contatos que alguém tem para situações ocasionais)

Dar PT ("dar perda total", quando alguém bebe muito e fica extremamente bêbado, chegando a perder os seus sentidos).

BFF é a sigla de Best Friends Forever ("melhores amigas/os para sempre", em português). Esta abreviação da frase em inglês é muito comum na internet, principalmente nas redes sociais.

PPRT significa "Papo Reto". Essa abreviação é muito usada como gíria nas comunicações feitas na internet, principalmente nas redes sociais (Facebook e Twitter, por exemplo) e Whatsapp.

PDP é a sigla de "Pode pá", uma gíria que é usada como forma de afirmação, ou seja, representando que a pessoa concorda totalmente com determinada coisa.

FBF é a sigla de Flashback Friday (Sexta-feira do Flashback), uma hashtag comum na internet, principalmente nas redes sociais. O #FBF é usado para indicar que o conteúdo da publicação é uma lembrança de algo que aconteceu no passado.

SDV é a sigla de "Sigo De Volta" ou "Segue De Volta", uma gíria comum nas redes sociais, usada principalmente como uma hashtag em publicações feitas no Twitter e Instagram.

Noob ou N00b (lê-se nub) é uma gíria em inglês que significa "novato", muito utilizada principalmente em comunidades de games online para indicar o nível precário de jogabilidade de determinada pessoa. No "internetês" é comum escrever n00b (com dos zeros no lugar da letra "o").

OMG é a abreviação de Oh My God, expressão que significa "Oh Meu Deus", na tradução para a língua portuguesa. Costuma ser utilizada para expressar sentimentos de surpresa e admiração em relação a algo.

Shippar é uma gíria usada para representar a torcida de um fã pela união de dois personagens ou pessoas. O ato de shippar é o mesmo que manifestar o seu desejo por ver esses respectivos indivíduos em um relacionamento amoroso.

Selfie é um neologismo da língua inglesa e adotado também no Brasil. Significa o mesmo que autorretrato, ou seja, quando alguém faz uma foto de si própria utilizando um celular ou câmera digital.

SLC é a abreviação de "sê é loco" ("você é louco"). Esta gíria é muito popular entre os brasileiros na internet, usada para representar o sentimento de espanto, surpresa ou negação de alguém em relação a determinado comentário.

XOXO (pronuncia "eks ou eks ou") é uma gíria do idioma inglês e significa Hugs and Kisses ("Abraços e Beijos", em português). Costuma ser usado no final de mensagens informais, como uma forma de se despedir carinhosamente.

SNQ são as iniciais de "Só Que Não", uma expressão comum na internet, principalmente como hashtag em algumas redes sociais (#SNQ). O usuário usa o #sqn para negar totalmente o que acabou de afirmar na sua publicação.

Tô na bad é uma gíria usada para se referir a condição de alguém que está se sentindo deprimido, triste ou chateado com determinada situação.

Thug life é uma gíria oriunda do idioma inglês e significa "vida bandida" na tradução para o português. Considerado originalmente um movimento social, thug life se tornou uma expressão muito comum nas redes sociais, principalmente através de memes.

YOLO significa You Only Live Once ("Você Só Vive Uma Vez", em português). No Brasil, essa gíria do idioma inglês é muito comum na internet, em especial nas redes sociais, quando se deseja reforçar a ideia de que devemos aproveitar a vida ao máximo.

OTP é a sigla de One True Pairing ("um par verdadeiro", em português), expressão usada para se referir a combinação única de dois personagens em uma história, formando um casal perfeito do ponto de vista do fã, etc.

Percebe-se que é importante estudar a gíria e seu efeito em relação aos valores sociais, pois é um meio de se entender o mundo atual e a repercussão que os canais de comunicação detêm. No entanto, sempre estabelecendo os limites e os motivos pelos quais tal fenômeno é usado. Pois há muitos que o utilizam desordenadamente.

Para Saussure (2013), "é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução". Ou seja, a própria Linguística,

ciência que estuda a linguagem, considera que as gírias são uma evolução que contribuem para a transformação da língua, e quem faz isso são os falantes, inseridos.

Considerações finais

Conclui – se que, mesmo a gíria fazendo parte do dia a dia das pessoas, ainda há o preconceito linguístico em relação ao seu uso. E, não deveria ser assim, porque o papel da língua é fundamental nas relações humanas.

Essa importância é acentuada, se considerarmos que qualquer sociedade depende da língua para divulgar suas informações através dos meios de comunicação de massa, para construir um sistema literário e cultural, para desenvolver tecnologias, enfim, para perpetuar-se.

E para compreendermos melhor esse assunto podemos recorrer à sociolinguística, que trata da relação entre as variações da estrutura social e as variações da estrutura linguística, para observar como a gíria é abordada: é o termo genérico usado para designar o fenômeno sociolinguístico no qual grupos sociais formam um vocábulo próprio que posteriormente pode vazar dos limites desses grupos de pessoas.

Porém, atualmente, há um novo olhar para esse fenômeno linguístico, a gíria, em virtude das teorias que difundem uma maior liberdade na comunicação, lugar onde o certo e o errado não devem existir.

Contudo, apesar dessa flexibilidade, é importante observar que a adequação vocabular deve ser empregada sempre, já que a língua é uma ferramenta da qual dispomos e que, conseqüentemente, nos pertence.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). Saussure: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, F. Curso de Linguística Geral. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2002.

<http://portaldasgurias.blogspot.com/2011/02/as-gurias.html>. Segunda- feira, 30 de julho de 2018, 14 horas